

INTRODUÇÃO AO TOMISMO: UMA ANÁLISE ACERCA DA MORALIDADE

INTRODUCTION TO TOMISMO: An Analysis of Morality

Rafael Parente Ferreira Dias¹
Marcello Renault Menezes²

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo geral conhecer o significado, a abrangência e a influência do agir humano segundo Tomás de Aquino. Para tanto, a proposta investigativa parte do pressuposto de que a ação humana, pautada na paixão, gera, por vezes, consequências indesejadas e não adequadas às urgentes necessidades morais, consubstanciando-se, não raro, num prejuízo irreparável nas relações interpessoais. Nesse sentido, Tomás de Aquino situa o exercício da razão, qualidade universal da cultura humana, como o “fiel da balança”. Aquino compreende o homem como possuidor de uma obrigação moral, deve agir através de sua racionalidade, compreendendo e controlando as paixões na medida em que estas impedem o desenvolvimento da ética. Para ele, a prudência é a principal virtude cardeal, responsável pela correta deliberação nas ações humanas. O homem prudente delibera, julga e comanda seus atos e escolhas, evitando os vícios. Objetivamos conhecer a extensão e a profundidade da ética tomista, proporcionando uma reflexão acerca do agir humano. Acreditamos que esta pesquisa poderá nos ajudar a refletir mais profundamente acerca dos reais valores atribuídos ao comportamento humano.

Palavras-Chave: Ética, Fé, Prudência.

Abstract: This research aims to know the meaning, scope and influence of human action according to Thomas Aquinas. To this end, the investigative proposal assumes that human action, based on passion, sometimes generates unintended consequences that are not adequate to urgent moral needs, often becoming an irreparable damage to interpersonal relationships. In this sense, Thomas Aquinas situates the exercise of Reason, the universal quality of human culture, as the “faithful of the balance”. Aquinas understand man as possessing a moral obligation, must act through his rationality, understanding and controlling the passions as they impede the development of ethics. For him, prudence is the main cardinal virtue, responsible for the correct deliberation in human actions. The prudent man deliberates, judges, and commands his actions and choices, avoiding vice. We aim to know the extent and depth of Thomistic ethics, providing a reflection on human action. We believe this research will help us to reflect more deeply on the real values attributed to human behavior.

Keywords: Ethic, Faith, Prudence.

¹ Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho; Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: rafael.dias@uerr.edu.br

² Graduação em Direito pela Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania pela UERR e doutorando em Direito e Sociologia pela UFF. E-mail: dr.mrenault@hotmail.com

1 Introdução

O pensamento filosófico, no decorrer da história, tem sido constantemente provocado pela busca incessante em responder questões relacionadas ao agir humano. Buscando o atendimento a esta interrogação, Tomás de Aquino, mesmo tendo vivido em meados do século XIII, ainda possui relevância no tocante às questões ligadas ao comportamento humano, não apenas no âmbito cristão, mas também no universo filosófico. De fato, seus escritos fizeram significativas contribuições, influenciando, especialmente, os debates em torno da ética.

A *Summae Theologiae* é sua obra mais expoente. Aquino, estudioso do pensamento aristotélico, considerava o homem como o centro de toda a Criação Divina, um ser político e, por possuir tal característica, não poderia ser governado por suas paixões, emoções e instintos. A necessidade de viver em sociedade pressupõe a organização da mesma e impõe ao homem um agir racional, não passional.

O autor da Suma Teológica não dispensa a existência do livre-arbítrio dado por Deus aos homens, todavia, ao decidir como agir diante de uma dada situação, excluindo-se os casos de coações provocadas por fatores externos e o agir espontâneo instintivo, o homem deve direcionar as suas ações conforme os postulados morais da razão.

Longe de ignorar os desejos e temores, típicos da natureza humana, Aquino parte destes para formular conceitos morais e religiosos, baseados num saber racional. Ele afirma que os indivíduos são regidos pelos *costumes*, os quais, transmitidos de geração em geração, manifestam uma *obrigação moral*, reproduzindo atitudes e regras de conduta socialmente aceitas pelo grupo. Essa limitação moral imposta é o que nos permite conviver pacificamente com os seus semelhantes e, a prudência, *mãe de todas as virtudes*, tem papel fundamental na complexidade da ação humana.

O homem virtuoso, nesta concepção, é aquele que possui a prudência, e por isso se torna responsável e age conscientemente em relação ao exercício de seus direitos e no cumprimento de suas obrigações. Esta virtude cardeal é capaz de pacificar a vida em sociedade por meio, sobretudo, da harmonia e equilíbrio nas ações.

2 Beatitudo, Vontade, Livre-arbítrio e Paixão

Em São Tomás de Aquino (2005), o homem é uma criação divina feito à imagem e semelhança de Deus e, na condição do que há de mais perfeito na criação, possui posição irrestrita de destaque entre as criaturas terrenas. Enquanto ser finito, busca incessantemente por aquilo que julga ser sua felicidade, seu *fin último*, na satisfação íntima de realização pessoal, do dever cumprido, o que somente será alcançado com o retorno da criatura ao seu Criador. A isto Aquino chamou de *beatitudo* (bem-aventurança; felicidade; plena realização de suas aspirações).

A beatitude tomista está totalmente alicerçada na contemplação da natureza divina. Embora seja importante o exercício das virtudes e do agir moral na vida prática, a felicidade, reside na contemplação de Deus, único objeto beatífico, ao qual a inteligência especulativa é direcionada e encontra a sua mais sublime realização.

O “espírito encarnado” no homem faz dele ao mesmo tempo divino e carnal, perfeito e animal, formando um todo complexo de matéria e forma, uma única substância com corpo (instinto), alma (inteligência/razão/vontade x desejos/paixões x intuição/dedução), espírito e livre-arbítrio (faculdade da alma). Capaz de ter atitudes virtuosas ou viciosas. Segundo Sciacca (1958) é de suma importância que o ser humano compreenda a sua grandeza enquanto criatura divina. Ele, o homem, ser político que é, deve, dessa forma, reproduzir em suas ações as virtudes supremas visando a boa convivência em sociedade, conciliando suas características divinas com os seus interesses, desejos e motivações típicos da criatura terrena.

A consciência de que os seus atos interferem diretamente no meio social, afetando outras pessoas, o torna responsável pelo seu agir moral através da razão. Cabe ao indivíduo escolher o melhor caminho em busca do soberano bem, que nesse caso, é a própria felicidade. Através do exercício das virtudes aproxima-se de Deus, dominando seus instintos e paixões, assemelhando-se assim ao Criador.

De acordo com a ética tomista, devemos buscar, através de nossas ações, nos assemelharmos ao criador. Nisto reside a importância do livre-arbítrio, visto que, por meio desta ferramenta, podemos fazer boas escolhas, isto é, agir com prudência, inteligência e temperança; com semelhante atitude, conseguimos aproximar-nos da vontade divina, caso contrário, seremos influenciados pelas paixões e instintos humanos. Desse modo, torna-se fundamental utilizar sabiamente o livre arbítrio (faculdade da vontade e da razão), bem como

tomar decisões com responsabilidade e equilíbrio moral, evitando sempre os excessos passionais.

Segundo Rassam (1988), existe em Tomás de Aquino uma vontade deliberada em unir razão e fé. Apoiando-se em reflexões racionais, o tomismo busca uma interpretação mais intelectual e menos dogmática das escrituras cristãs. Pela adesão da razão e da vontade, a fé deixa de ser um impulso cego e transforma-se em um importante instrumento de conhecimento, por meio do qual capacita o indivíduo a receber a graça divina ou a beatitude. A meta principal é assemelhar-se a Deus cujo galardão é a *beatitudo*. Logo, para Aquino, a relação entre Criador e criatura é fundamental para o estabelecimento da paz e harmonia seja no âmbito individual ou na esfera coletiva.

A alma, em Aquino, responde pelas capacidades humanas. O homem pleno é dotado de *conhecimento* e *vontade* livres. As sensações, a observação do mundo e da natureza, por meio do corpo (audição, tato etc.), levam-no a “conhecer” através da inteligência e da razão, que por sua vez possibilita a elaboração do pensamento discursivo. É justamente nesse momento, durante a formulação do pensar, que a deliberação sobre “o que fazer” se torna possível. A partir desse momento, o indivíduo torna-se capaz de exprimir a sua *vontade* enquanto extensão da razão e também do livre-arbítrio.

Para Aquino, o intelecto é o elemento que distingue um homem do outro e o “conhecer” é uma operação própria do homem enquanto homem, distinguindo-o também do resto da criação, tornando-o, por esta característica, um ser único. No intelecto, a vontade humana é conhecida.

Ela, a *vontade*, é, antes de tudo, de natureza espiritual, que encontra a sua expressão humana através do atributo racional, consistindo numa importante faculdade – a liberdade da alma –, através da qual o homem escolhe ser livre e agir conforme os seus próprios critérios; portanto, cabe à vontade a realização dos atos definidos pela razão. Sendo um apetite racional, a vontade tende sempre para o bem, muito embora possa praticar o mal a partir de um julgamento equivocado do intelecto, não propositadamente. Assim, o homem pode ser considerado bom ou mau conforme a boa ou má disposição de sua vontade. Se agir visando o bem comum, será bom, do contrário, será mau.

Nesse sentido, a vontade é *elícita* (admite mais de uma opção durante o processo de tomada de decisão) e *volúvel* (influenciada por vários fatores os quais podem justificar as

atitudes, ainda que equivocadamente, na busca da felicidade). É através dela que o homem exerce sua autonomia de exercício como expressão da razão, onde intelecto e vontade encontram-se intimamente correlacionados. O intelecto define o que é necessário realizar, enquanto a vontade se preocupa com o próprio fim, a realização.

Em decorrência disto, as ações dos homens devem pautar-se no bom uso daquilo que é reconhecido pelo intelecto, na disposição em realizar por meio da vontade, visando o atendimento do bem da coletividade por ser este sempre mais importante que o interesse individual. Numa sociedade composta por homens racionais, todos devem pensar e agir em conformidade com este entendimento. É através da reta razão que a ação humana será medida. O agir moral tomista se afirma na supremacia da racionalidade sobre a irracionalidade dos instintos e paixões.

Desta forma, o homem deve ressignificar os seus apetites, reeducando-os conforme os regramentos da vontade e da inteligência, os quais são faculdades que ajudam a razão a orientar o agir moral. Embora sejamos dotados de desejos e paixões, devemos, com o rigor da vontade e inteligência, ordená-los ao fim maior – a *beatitudo*. Tomás de Aquino posiciona o homem como o senhor de sua vontade, livre e racional, responsável por suas escolhas no exercício do livre-arbítrio, definindo-o como “[...] o princípio pelo qual o homem julga livremente.”

A ética tomista não admite a predestinação como resposta aos resultados, positivos ou negativos, das ações humanas. Deus garantiu ao homem o direito ao livre arbítrio, cabe ao próprio indivíduo a condução reta da sua vida. Nenhuma força adventícia (nem mesmo Satanás), ou qualquer instância metafísica, seria capaz de retirar este dom divino entregue pela divindade. Justamente por este motivo que a razão se torna a ferramenta, por excelência, que determina os nossos atos. Por conseguinte, nossas escolhas poderão se tornar os agulhões que nos torturarão por toda a vida ou nos coroarão de glória e riqueza espiritual.

Importa salientar que mesmo se um indivíduo não for capaz de compreender e aplicar a ética tomista, ainda assim, se ele for fiel a Deus, aceitando a conversão cristã, então é possível que este indivíduo possa atingir a beatitude, o sumo bem, a felicidade. A fim de alcançar estas virtudes espirituais, o homem deve, por meio da *contemplação divina*, redirecionar o seu coração a Deus. O mergulho na fé configura-se como um componente essencial para a integralização da vida moral em Tomás de Aquino. Por isso, torna-se

fundamental equilibrar a vida prática, baseada em atos virtuosos, com a vida espiritual, baseada na contemplação divina.

Diante do exposto torna-se evidente que a inspiração geral do encaminhamento ético-filosófico idealizado por Aquino está alicerçada nas verdades reveladas da fé cristã. Por isso o desfrute da vida feliz e do correto comportamento cristão, não está fundado unicamente na razão, em seus conceitos puramente humanos e calculadores, o acesso à beatitude, à vida feliz, é proporcionado para aqueles indivíduos que, mesmo incapazes de compreender as complexidades dos princípios éticos, são, todavia, perfeitamente capazes de mergulharem na experiência da fé, da vida em comunhão com o sagrado, a qual lhe garantiria benefícios póstumos muito superiores aos encontrados na vida terrena. Ou seja, embora a prática das virtudes na vida ordinária seja muito importante, torna-se ainda mais relevante, na verdade essencial, a entrega a Deus. Deve-se ficar claro que a felicidade plena só é adquirida por meio da graça divina.

O grande inimigo da vida feliz seriam as paixões (desejo, ódio, fuga, tristeza, esperança, desespero, audácia, temor, ira etc.) que se encontram quase que acidentalmente na alma influenciando a vida moral do sujeito. O agir sob influência das emoções e paixões, cedendo aos apetites sensitivos, acarreta o desvio do objeto almejado pela razão. Neste momento, o homem deixa de ser senhor de si para servir às paixões. Conforme Sciacca (1958), o homem excessivamente passional deixa de mover e passa a ser movido e, desgovernado, ultrapassa os limites da ética e da razoabilidade. Com a razão, o homem cultiva a virtude dominando sua vontade, sem ela, se perde. Assim, a essência da ética tomista reside no constante exercício das virtudes – na condução e primazia da razão humana sobre as paixões e os desejos.

Porém, devemos asseverar que as paixões, para Tomás de Aquino, não são fenômenos ontologicamente negativos, isto é, sua natureza não é ruim. Para um cristão, esta visão pode parecer inusitada, porém possui um fundamento filosófico muito interessante. Visando elucidar ainda mais este tema, vejamos a opinião do pesquisador Jean-Pierre Torrel:

O termo não tem para ele exatamente o mesmo sentido que tem para nós. A paixão começa com a mais leve emoção e verifica-se em todo movimento afetivo de sensibilidade sem ter a necessidade de terminar em violência incontrolada. Longe de ver as paixões, à maneira estoica, como *doenças* da

alma, das quais se deve fugir obrigatoriamente por serem más, ele as considera antes um fundamento físico-fisiológico do qual o homem pode fazer bom ou mau uso. (TORREL, 2007, p. 708, grifo do autor.).

Percebe-se que as paixões e os afetos, tipicamente humanos, não são considerados maus em si mesmos. Na verdade, segundo Torrel (2007), eles se tornam relevantes para o exame moral quando submetidos ao crivo das faculdades superiores da razão: inteligência e vontade. Ou seja, quando o indivíduo é invadido pela tristeza, por exemplo, não podemos considerá-la sempre negativa ou ontologicamente ruim. Em alguns momentos, a própria tristeza pode ter alguma utilidade, tudo dependerá do exame racional realizado.

Ora, se a razão é a faculdade que nos ajuda a superar os abusos e excessos das paixões e afeições, então o comportamento moralmente equilibrado proposto por Aquino consiste numa predisposição reiterada de praticar o bem, ato após ato, orientado pela inteligência e também pela vontade no afã de sempre orientar as ações humanas para o bem, exercendo exemplarmente o nosso direito ao livre-arbítrio, superando as oscilações passionais, inerentes ao gênero humano, e tornando boa tanto a pessoa que a pratica quanto a obra em si.

3. Prudência, a Principal das Virtudes Cardeais

Além da inteligência e da vontade outra virtude é extremamente importante para o desenvolvimento da moralidade tomista: a prudência. Ao tratar deste tema, Tomás de Aquino inspira-se, não apenas nas sagradas escrituras, a quem devota com inteireza a sua vida espiritual, mas também no *Comentário das Sentenças* de Pedro Lombardo, bem como em toda a construção teórica aristotélica de quem sofreu influências decisivas.

Vale destacar que a virtude cardeal da prudência encontra-se em posição de destaque em relação às demais, sendo considerada por Tomás de Aquino como a principal virtude cardeal e mãe de todas as virtudes; representa a reta razão do agir uma vez que deve ajustar a atitude em relação aos atos praticados, aos fins a que se dirigem. Ela está ligada ao conceito de justa medida e deve ser o fiel da balança, aquela que mede a falta ou o excesso nas ações; conselheira ideal à conduta humana, aperfeiçoa a alma mediante escolhas corretas, visando o bem segundo o *habitus* da razão, através do exercício reiterado das virtudes infusas por Deus. Graças a ela, o indivíduo torna-se capaz de atingir a satisfação, o prazer, a alegria nas ações,

controlando, com mediania, os impulsos e as paixões a fim de atingir o fim último da vida (*beatitudo*).

Nesse sentido, a prudência é responsável por conter os impulsos dos desejos e paixões, acalmando a agitação exterior do homem. Relaciona-se com a moderação, com o equilíbrio, com o reto discernimento, aquele que calcula e analisa a situação, e, após acurado exame, decide e age em comum acordo com os princípios moralizadores da razão.

Seguindo a tradição grega, o pai da escolástica enumera quatro virtudes cardeais, as quais considera essenciais na regulação da conduta humana: prudência, justiça, temperança e fortaleza. Elas são responsáveis pela moderação dos impulsos na tomada decisória. A prudência, nesse contexto, tão essencial ao moralismo tomista, é superestimada porque cabe a ela nortear, orientar e moderar, numa inter-relação harmônica, todas as demais virtudes, como fator de equilíbrio, estimulando a responsabilidade decisória consciente (*synderesis*) em relação ao indivíduo e aos seus semelhantes.

Por esse motivo, a prudência é considerada uma “sabedoria das coisas humanas”. Trata-se de uma preciosa ferramenta cujo desenvolvimento na vida ordinário nos outorga a capacidade de viver bem e de forma mais prazerosa. Referindo-se ao papel da prudência no pensamento de Aquino, vejamos os esclarecimentos do pesquisador Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento:

Ela é uma verdadeira arte de viver, supondo a memória da experiência passada, a compreensão da situação presente, e a previsão do futuro. É capacidade de tomar a decisão correta e agir bem, inscrevendo no singular as normas gerais e a aspiração pela vida mais desejável e satisfatória, isto é, a aspiração pela felicidade. A prudência, tal como Tomás de Aquino a apresenta, é a articulação entre o universal e o singular, guiando a decisão e a ação nas circunstâncias concretas. Tal escolha e decisão depende em última instância do agente consciente e livre, não podendo ser dada previamente nem por terceiros. (NASCIMENTO, 2004, p. 272)

A prudência se opõe a qualquer atitude intempestiva que contradiga o valor da moderação e do equilíbrio. Com sábias escolhas, o indivíduo torna-se capaz de superar os desafios dos vícios, impulsos e paixões, tornando-se, por esta razão, capaz de atingir o Fim último, a *beatitudo*.

Na Grécia Antiga, Aristóteles denominava, o que Aquino chamou de prudência, de *phronesis*, a qual, por oposição à sabedoria teórica e especulativa, se refere ao saber prático, ao manejo da deliberação na formulação das escolhas. Com efeito, a ética aristotélica entende ser a prudência um saber das coisas contingentes, em oposição ao saber contemplativo que diz respeito ao que não nasce nem perece. Trata-se de compreender a ação prudente em um contexto da vida ordinária, a qual está repleta de incertezas e contratempos que exigem da razão uma pronta solução. Segundo Aristóteles, a correta atitude depende do homem prudente. Somente ele é capaz de deliberar corretamente em cada caso específico e contingente que se apresenta. Ele seria o portador vivo da norma, uma espécie de saber encarnado, por isso o *phronimos*, ou o homem prudente, é tão aclamado no sexto livro da obra *Ética à Nicômaco*, de Aristóteles.

Pierre Aubenque (2008) adverte que a prudência é uma disposição prática que concerne à *regra* da escolha. Não se trata pura e simplesmente da correção da ação, mas do aprimoramento do critério, razão pela qual a prudência se transforma em uma disposição prática acompanhada de *regra verdadeira*.

Assim, o homem prudente é atento à voz da razão. Ele reflete, conscientemente, e projeta a consequência que seus atos trarão para si e para o seu próximo. Não age impetuosamente sem fazer averiguações do resultado projetado de seus atos, irrefletidamente. Com o julgamento da consciência, cabe ao *phronimos*, ou ao homem prudente, estabelecer a veracidade da ação, isto é, aplicar seus conhecimentos à direção imediata do agir.

Para Aquino, todo homem possui uma consciência, sendo esta capaz de distinguir se seus atos estão ou não dentro dos padrões da razão. Dessa forma, percebe-se que a moralidade tomista está circunscrita numa perspectiva muito otimista no tocante as possibilidades que o ser humano possui para atingir uma vida desejável e prazerosa.

4. Considerações Finais

De um modo geral, São Tomás de Aquino foi profundamente influenciado pelo filósofo Aristóteles. Esta presença tão marcante no coração das suas obras marca definitivamente um estilo de escrita arrojado e audacioso, visto que Aquino viveu durante o

medieval europeu, um período marcado pelo protagonismo da fé sobre todos os demais ramos do saber.

Por esta razão, seu pensamento ficou marcado pela tentativa de unir Religião e Filosofia. Em várias partes da *Suma Teológica*, Aquino tenta demonstrar que o conhecimento sobrenatural da fé implica, como fundamento da sua possibilidade, o conhecimento natural da razão. É possível adquirir a fé mesmo que não se tenha nenhuma consciência desta implicação. De fato, sob a direção da fé, a razão não aliena a sua natureza, mas ao contrário, lhe garante o pleno desenvolvimento. Do mesmo modo, a autoridade da fé é iluminada pela luz natural da razão. O mérito do tomismo escolástico foi conseguir manter harmonizados, numa promoção mútua, a importância tanto da fé quanto da razão.

Nesse sentido, o homem, coroamento da criação divina, é o único ser dotado de razão, sensações e emoções. Justamente por possuir estas características deve buscar a vida virtuosa, livre de vícios. A perfeita prática da razão se dá por meio da prudência, através da qual o homem age responsabilmente consigo mesmo e com seu próximo, opondo-se a qualquer atitude intempestiva sendo, portanto, orientadora das demais virtudes sem, contudo, sobrepor-se a elas.

Ela é quem deve reger a conduta dos indivíduos e, em harmonia com a atividade contemplativa, garantir a autêntica felicidade para todos os homens. Desta forma, o homem prudente converte-se no *phronimos*, um indivíduo exemplar, portador de uma sabedoria prática invejável, controlador dos desejos e das paixões, vive em constante harmonia consigo mesmo, pois, conhecendo as regras morais, para quem a si mesmo as aplica, transforma-se no legislador da própria vida, agindo em perfeita sintonia com a luz natural da razão, fazendo do livre-arbítrio um verdadeiro dom divino, pois utiliza-o com maestria e ponderação.

Outro ponto relevante a se destacar é a importância da beatitude no pensamento tomista. A entrega a Deus, a fé sincera e fervorosa é o meio para alcançar a contemplação divina e conseqüentemente a beatitude – fim último da ação humana. Inegavelmente, o componente religioso marca o itinerário moral delineado pelo teólogo cristão. O bem supremo (beatitude), de algum modo, subordina todos os outros bens em direção a uma meta muito bem definida: a comunhão com Deus.

Diante do exposto, conclui-se que o indivíduo deve ter uma vida comedida, equilibrada, sempre baseada nos preceitos da reta razão, tendo por primazia das virtudes a

prudência. Porém, além destas qualidades morais, também se faz necessário a contemplação, como ato de fé e entrega ao Deus criador. Sem a qualidade da fé, a beatitude ficaria excluída. Portanto, o moralismo tomista exige, para o seu pleno desenvolvimento, o componente da fé. Estas seriam, grosso modo, as qualidades morais pretendidas pela ética tomista e outorgadas aos homens de boa vontade.

5. Referências

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tomo Único. São Paulo, Edições Loyola, 2005. In: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>. Acesso em 04 novembro 2019.

AUBENQUE, Pierre. **A Prudência em Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 2008.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro. A moral de Santo Tomás de Aquino: A segunda parte da Suma de Teologia. COSTA, Marcos Roberto N. e BONI, Luis A. (Org.). **A Ética Medieval face aos desafios da contemporaneidade**. Porto Alegre, EDIPURS, 2004.

RASSAM, Joseph. **Tomás de Aquino**. Lisboa: Edições 70, 1988.

SCIACCA, Michele Federico. **El hombre, este desequilibrado**. Barcelona: Luis Miracle Editor, 1958.

_____. **História da Filosofia I: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

TORREL, Jean-Pierre. Tomás de Aquino: A “filosofia” moral de Tomás de Aquino. In: CANTO-SPERBER, Monique (Org.). **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

RECEBIDO em 16/12/19
APROVADO em 13/01/20